

**A LIBERDADE CRISTÃ:
UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DOCTRINAS PSEUDOCRISTÃS.**



A LIBERDADE CRISTÃ: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DOCTRINAS PSEUDOCRISTÃS.

Jeferson Costa Bento¹

RESUMO

O cenário religioso brasileiro contemporâneo é muito dinâmico. Ao lado do cristianismo evangélico, as doutrinas pseudocristãs antigas, produzidas em solo norte-americano, logo tomaram a decisão de sair do meio evangélico e partir em direção contrária, mergulhando no exclusivismo e na prepotência que apenas sua doutrina está na verdade. Podemos destacar três delas, que por sua vez são bem conhecidas no Brasil, a saber, Adventista do Sétimo Dia, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e as Testemunhas de Jeová. Apresentarei o contraste existente entre os ensinamentos das doutrinas mencionadas, e a liberdade cristã apresentada pelo apóstolo cristão Paulo nas suas cartas, bem como a definição de Immanuel Kant sobre a liberdade. Evidenciarei que as referidas doutrinas são compostas por grupos de pessoas que praticam desvios doutrinários, os quais são chamados de heresias. Tais desvios não são meros equívocos de interpretação, mas uma afronta às doutrinas centrais do Cristianismo. Os autores que embasaram o artigo foram:

BORTOLLETO FILHO (2008), CHAMPLIN (2001), FIORES (1993), GOMES (2000), GRELLMANN (2003), KANT (1974), KANT (2006), KRUSE (1994), LESSA (2001), MACHADO FILHO (1989), MACHADO FILHO (1963), MARTINEZ (2013) NUNES (2014), PENTON (1997), REED (1990), SLICK, (2013) and SHIPP (1985).

Palavras Chaves: cristianismo, liberdade, pseudocristãs.

¹ Cristão, foi por 16 anos (1994-2010) membro da liderança das testemunhas de Jeová em Mato Grosso do Sul. É contabilista, administrador, especialista em gestão de pessoas e especialista em ensino de filosofia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. 1. IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA (1.1) A DOUTRINA ADVENTISTA 2. IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS (2.1) O QUE O MORMISMO ENSINA 3. TESTEMUNHAS DE JEOVÁ (3.1) NO QUE CREEM AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ 4. A LIBERDADE NAS CARTAS DE PAULO 5. KANT E A LIBERDADE. CONCLUSÃO. REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma análise sobre os pressupostos para uma espiritualidade cristã verdadeira em meio ao crescimento das doutrinas pseudocristãs. De que maneira essas doutrinas, que não raro apresentam uma uniformidade rígida e desumanizante, tem inibido a liberdade cristãs pregada pelo apóstolo cristão Paulo? Como a definição de Immanuel Kant sobre a liberdade, deve ser encarada?

Para MARTINEZ (2013), de alguns anos para cá a questão da identidade cristã da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), tem tornando-se mais polêmica. Para alguns, essa religião é autenticamente cristã. Ainda outros se colocam na defensiva, acreditando que o movimento adventista não passa de uma igreja pseudocristã com doutrinas heterodoxas.

Conforme SLICK (2013), a teologia Mórmon ensina que Deus é apenas um entre inúmeros deuses; ensina que Ele era um homem que veio de outro planeta, que se tornou deus seguindo as leis e ordenanças do deus daquele mundo, e que trouxe uma de suas esposas para a Terra com quem gerou filhos espirituais que habitaram os corpos humanos no nascimento.

Segundo REED (1990), em algumas áreas, as Testemunhas de Jeová acreditam no mesmo que os cristãos ortodoxos. Rejeitam por exemplo, como pecado o sexo fora do casamento; aceitam o criacionismo bíblico que se opõe à teoria da evolução; e acreditam que a Bíblia é a palavra inspirada de Deus. Mas, em muitas outras áreas, suas doutrinas as colocam à parte e as marcam como praticantes de um culto pseudocristão.

Será apresentada a definição de Kant que pregou a liberdade como um postulado da razão prática, caracterizado pelo imperativo categórico. A realização deste trabalho se dará por meio de uma pesquisa qualitativa de natureza interpretativa, com o intuito de levantar possibilidades de análise. Por essa razão, a presente pesquisa será desenvolvida a partir de uma ampla pesquisa bibliográfica relacionada ao tema. Os autores que embasaram o artigo foram: BORTOLLETO FILHO (2008), CHAMPLIN (2001), FIORES (1993), GOMES (2000), GRELLMANN (2003), KANT (1974), KANT (2006), KRUSE (1994), LESSA (2001), MACHADO FILHO (1989), MACHADO FILHO (1963), MARTINEZ (2013) NUNES (2014), PENTON (1997), REED (1990), SLICK, (2013) e SHIPP (1985).

1. IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

De acordo com SHIPP (1985), a Igreja Adventista do Sétimo Dia é bem conhecida no Brasil, sendo ativa aqui há muitos anos. A doutrina adventista baseia-se em um movimento iniciado em 1831 nos Estados Unidos por William Miller, um humilde fazendeiro sem preparo formal, não tendo qualquer conhecimento de teologia. Ele estava com cinquenta anos quando começou a pregar, julgando-se guiado, para pregar, pelo próprio Espírito de Deus. Nas suas palestras na Igreja Batista, onde pregava antes, ele enfatizava inicialmente a profecia e seu cumprimento.

Para MARTINEZ (2013) a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem se empenhado com uma maciça campanha já há alguns anos com o intuito de limpar sua imagem negativa herdada do passado e se aproximar dos evangélicos. O ecumenismo pregado por eles tem dado certo, pois muitos têm se aproximado dos adventistas não mais com olhos preconceituosos, mas como irmãos que apesar de terem suas diferenças doutrinárias e litúrgicas podem, não obstante, ter normalmente comunhão uns com os outros. A rede de comunicação “ADSAT” e a rádio “Novo Tempo”, tem conseguido prodígios nesta área. Não é raro ouvirmos evangélicos das mais variadas denominações participarem de programas adventistas e serem tratados como irmãos. Existem até aqueles que pedem cursos bíblicos por correspondência para estudarem em seus lares.

1.1 A DOCTRINA ADVENTISTAS

A Igreja Adventista do Sétimo Dia considera-se singular: Pondere na declaração publicada na Revista Adventista de Março de 2001, página 10: “Sim, nós cremos no futuro brilhante deste movimento porque não somos uma simples igreja entre as demais, porque somos o remanescente de Deus neste tempo do fim”.

A Revista Adventista de Junho de 2001, página 15, apoia também esse pensamento ao declarar: “Sem terem compreendido a natureza profética do movimento adventista, muitos desses membros veem a Igreja Adventista apenas como mais uma denominação evangélica, que se distingue vagamente das demais denominações por ainda crer no sábado...”

A Igreja Adventista do Sétimo Dia acredita ser portadora exclusiva da mensagem apocalíptica: Em uma entrevista, o diretor-geral da Casa Publicadora Brasileira, órgão da IASD, incentiva euforicamente dizendo: “... a grande e maravilhosa mensagem dos três anjos deve ser levada avante, agora como nunca antes. O mundo deve receber a luz da verdade por meio do ministério evangelizador da palavra, contida em nossos livros e periódicos... aqui estão ‘os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus’ (Apoc. 14:12).”(Revista Adventista de Fevereiro de 2001 página 6).

Discursando sobre a história do povo adventista o teólogo adventista Alberto R. Timm declara: “As novas gerações de conversos entravam para a igreja com tal convicção da verdade que dificilmente abandonavam a fé. Os adventistas eram respeitados e até temidos pelos demais evangélicos, devido ao seu profundo conhecimento bíblico. Os próprios adventistas chegavam mesmo a se vangloriar de que uma das evidências de possuírem a verdade era o fato de que se alguns de seus membros deixassem a igreja, não se uniam a nenhuma outra denominação.” (Revista Adventista de Junho de 2001 página 15).

Depois de entendermos a cosmovisão adventista fica fácil de percebermos que o proselitismo feito por eles entre os evangélicos, é apenas uma consequência dos postulados teológicos expostos e defendidos por tais.

Conforme MARTINEZ (2013) os princípios desse movimento os impelem à prática do proselitismo, pois acreditam piamente que todas as demais denominações estão erradas, se não declaradamente, pelo menos é o que fica subtendido. Por mais que os líderes dessa igreja protestem, e em nome de um falso ecumenismo neguem o que foi exposto aqui, contudo os fatos são testemunhas irrefutáveis, e contra fatos não existem argumentos!

O Ano de 1844: O fundador desta denominação, Pr. William Miller, afirmou que Jesus voltaria em 1843. Quando isto fracassou, seus seguidores anunciaram que um ligeiro erro tinha ocorrido e então fixou o tempo do fim para outubro de 1844. As pessoas venderam casas e móveis, e ficaram aguardando o fim, ansiosas. No dia previsto, o povo reuniu-se no topo dos telhados e das montanhas, aguardando o evento. Contudo, o passar do tempo provou que Miller estava errado. Cristo não veio no dia indicado e nem virá em qualquer outro dia marcado, pois a Palavra de Deus é claríssima: “Quanto, porém, ao dia e à hora, ninguém sabe nem os anjos no céu nem o Filho, senão o Pai” (Mc.13:32; At.1:2). (MARTINEZ 2013).

Afora isso, há um conjunto de doutrinas que distingue os adventistas de outras denominações cristãs, o que faz alguns os observar como "heterodoxos", apesar de nem todos estes ensinamentos serem totalmente exclusivos dos adventistas, GRELLMANN (2003), apresenta alguns deles:

Lei (crença 19) – Os grandes princípios da lei de Deus estão incorporados nos Dez Mandamentos dados no Sinai. A chamada Lei Moral é eterna, possuindo assim validade ainda hoje para os cristãos. (GRELLMANN 2003)

Sábado (crença 20) - O Sábado deve ser observado no sétimo dia da semana, assim como diz em Êxodo 20:8, a partir de sexta-feira do pôr do sol até o por do sol do sábado. (GRELLMANN 2003)

Segunda Vinda e o Tempo do Fim (crenças 25 a 28) - Jesus Cristo voltará visivelmente 'a Terra depois do “tempo de angústia”, durante o qual o sábado será um teste de fidelidade. A segunda vinda será seguida por um reinado milenar dos santos no céu. A escatologia adventista baseia-se no método historicista de interpretação profética. (GRELLMANN 2003)

Holística da natureza humana (crenças 7 e 26) - O homem é uma unidade indivisível. Não possui uma alma imortal, mas se tornou *alma vivente* após receber o sopro de vida (ou espírito) de Deus. A morte é um sono inconsciente, vulgarmente conhecido como *sono da morte*. (GRELLMANN 2003)

Imortalidade condicional (crença 27) - Os ímpios sofrerão tormento por tempo indeterminado, mas não eterno. O Aniquilacionismo é o seu destino, mas não sofrerão o tormento eterno no inferno. (GRELLMANN 2003)

O Grande Conflito (crença 8) - A humanidade está envolvida em uma "grande controvérsia" entre Cristo e Satanás, a qual começou no céu quando um ser angelical (Lucifer) se rebelou contra Deus e Seu governo. Foi expulso do Céu e caiu na Terra perfeita (Éden), onde enganou Adão e Eva por meio do fruto proibido, e começou a dominar o planeta, que agora estava imperfeito por causa do pecado. (GRELLMANN 2003)

Santuário Celestial (crença 24) - Em 1844, como Sumo Sacerdote, Cristo iniciou o processo de purificação do santuário celestial, em cumprimento ao Dia da Expição. (GRELLMANN 2003)

Juízo Investigativo (crença 24) – O julgamento dos profetas cristãos começou em 1844, onde os livros de registro são examinados para todo o universo ver. O juízo investigativo vai afirmar quem tem mérito para receber a salvação, e reivindicar a justiça de Deus perante a humanidade. (GRELLMANN 2003)

Remanescente (crença 13) – Haverá no fim dos tempos um remanescente que guarda os mandamentos de Deus e tem o "testemunho de Jesus" (Apocalipse 12:17). Este remanescente anunciará a "Mensagem dos três anjos" de Apocalipse 14:6-12 para o mundo. (GRELLMANN 2003)

Espírito de Profecia (crença 18) - O Ministério de Ellen G. White é frequentemente relacionado ao Espírito de Profecia. Segundo a igreja, seus escritos são considerados inspirados e úteis para orientação, instrução e correção, embora esteja sujeito à Bíblia, a única e mais alta autoridade escriturística de fé e prática. (GRELLMANN 2003)

2. IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é o nome oficial da religião chamada frequentemente de Igreja Mórmon. Acreditam que Jesus Cristo

é o Salvador do mundo e o Filho de Deus. “Apesar de nossa origem e nossas experiências serem variadas, somos mórmons, unidos pelo compromisso com Jesus Cristo”. (<http://www.mormon.org/quemsomos>)

Conforme SHIPP (1985), a expressão mormismo abrange as diversas denominações que seguem as doutrinas do Livro de Mórmon e seu principal “profeta” Joseph Smith. Na idade de 14 anos o jovem Joseph Smith, começou a ter visões. Conforme ele mesmo afirma, aos 17 anos teve uma visão em que o anjo Moroni apareceu-lhe, revelando o esconderijo de uma coleção de chapas de ouro, nas quais o Senhor havia escrito alguns séculos depois da ascensão de Cristo, um evangelho mais completo.

Segundo SLICK (2013), a razão pela qual o Mormonismo não é uma religião cristã é porque nega uma ou mais doutrinas essenciais do Cristianismo. Dentre essas doutrinas, três são negadas pelo Mormonismo: a existência de um só Deus, a pessoa de Jesus Cristo e a suficiência de sua salvação. O Mormonismo ensina que Deus, o Pai, tem um corpo de carne e ossos e que Jesus é um ser criado, gerado no céu como um dos filhos espirituais de Deus. Embora o Mormonismo pregue que Jesus é Deus encarnado, ensina que Ele é apenas “um deus”. Um dos três deuses que formam a supremacia da Trindade. Os três deuses são o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

2.1 O QUE O MORMISMO ENSINA?

A teologia Mórmon ensina que Deus é apenas um entre inúmeros deuses; explica SLICK (2013) ensina que Ele era um homem que veio de outro planeta, que se tornou deus seguindo as leis e ordenanças do deus daquele mundo, e que trouxe uma de suas esposas para a Terra com quem gerou filhos espirituais que habitaram os corpos humanos no nascimento. O primeiro filho espiritual que nasceu foi Jesus. O segundo foi Satanás e, então, nós todos viemos a seguir.

De acordo com SLICK (2013), o Mormonismo ensina que o sacrifício de Jesus na cruz (e o recebimento deste sacrifício pela fé) por si só, não é suficiente para conceder perdão dos pecados. O perdão dos pecados é obtido através do

esforço cooperativo com Deus, isto é, nós devemos ser bons e seguir as leis e ordenanças da Igreja Mórmon para sermos perdoados. James Talmage, uma figura mórmon muito importante, que disse: “O dogma sectário da justificação somente pela fé tem exercido uma influência maligna, e, portanto, é justa a doutrina bíblica de que a salvação venha através da obediência”.

Nunes (2014) elenca algumas dos ensinamentos, da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a saber:

I – Declaram a existência de outros livros como inspirados juntamente com a Bíblia. (Nunes 2014)

II – Nos livros de Smith, Deus é apresentado como um ser de carne e osso, além de afirmar a existência de outros deuses. (Nunes 2014)

III – Afirmando que Jesus não foi gerado pelo Espírito Santo, mas pelo Deus-Adão. (Nunes 2014)

IV– Afirmando que todos, após o castigo, serão salvos. Afirmando que a salvação acontece em dois níveis: 1) Salvação Geral – concedida a todas as pessoas pela ressurreição de Jesus Cristo. 2) Salvação Individual – acontece por meio da fé em Cristo, pelo batismo por imersão e pela prática de boas obras. (Nunes 2014)

V – Acreditam e ensinam a prática do batismo pelos mortos. (Nunes 2014)

VI – Casamento para eternidade. Pregam que na viuvez não se pode casar novamente, para ter um novo encontro com o cônjuge nos céus, e desfrutar de um casamento eterno. Afirma que os casais ao reencontrarem na eternidade, se transformaram em deuses. (Nunes 2014)

Conforme SLICK (2013) o oitavo artigo de fé da Igreja Mórmon declara: “Acreditamos que a Bíblia é a Palavra de Deus até onde sua tradução for correta.” Isso significa que onde a Bíblia entra em contradição com o Mormonismo, ela não é confiável. Um fato interessante é que Joseph Smith supostamente corrigiu a Bíblia no que chamou de “A Versão Inspirada”, mas esta não é utilizada pelos membros da Igreja de SUD. Embora os mórmons declarem crer na Bíblia, na realidade, não creem. Baseiam suas interpretações em pressuposições Mórmons em vez de deixar a Bíblia falar por si mesma.

Segundo o site oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, (<http://www.mormon.org/por/restauracao>), Deus os orienta por meio de Seus profetas que têm a autoridade de falar e agir em Seu nome. Em toda a história, profetas corajosos como Noé, Abraão, Moisés, Pedro, João Batista, o Apóstolo Paulo e incontáveis outros prestaram fortes testemunhos de Cristo para ajudar nossa fé Nele a crescer. Quando Joseph Smith foi tragicamente assassinado em Carthage, Illinois, em 1844, a liderança da Igreja restaurada foi transmitida a Brigham Young, que era o apóstolo sênior na época. Ele liderou a Igreja sob a orientação de Cristo pelos próximos 33 anos — liderando o primeiro grupo de pioneiros a cruzar as planícies do Vale do Lago Salgado em 1847. Supervisionou a imigração de mais de 70.000 pessoas dos Estados Unidos e da Europa e fundou mais de 350 assentamentos no oeste americano, no Canadá e México.

A sucessão de profetas continua hoje com o atual Profeta e Presidente da Igreja, Thomas S. Monson. Ele é auxiliado por dois conselheiros: Henry B. Eyring e Dieter F. Uchtdorf. Juntos, eles formam a Primeira Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (como Pedro, Tiago e João na época de Cristo). Assim como Deus conduziu os israelitas do cativeiro para um lugar melhor por intermédio de Seu profeta Moisés, Ele lidera Seus filhos hoje para uma vida mais feliz e tranquila, se eles decidirem seguir Jesus Cristo, seguindo Seu profeta vivo. (<http://www.mormon.org/por/restauracao>).

3. TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Em seu livro SHIPP (1985), menciona que as Testemunhas de Jeová, foram organizadas oficialmente em 1872, nos Estados Unidos, sendo seu fundador Charles Taze Russel. Anteriormente ele abraçara o adventismo, mas aos 20 anos de idade, abandonou essa crença, devido à sua opinião contrária sobre a data do advento de Cristo. Russel insistiu que a data correta do advento seria o ano de 1874 e não o período estabelecido pelo adventismo. Atraindo um grupo de discípulos, este jovem organizou uma nova sociedade, sendo ele próprio o seu presidente. Pregava forçosamente sobre a volta de Cristo e

escreveu seis volumes de uma obra intitulada 'Estudos das Escrituras', os quais tiveram a distribuição de 13 milhões de exemplares.

As Testemunhas de Jeová surgiram do meio religioso do protestantismo americano do fim do século XIX. Embora elas possam parecer muito diferentes dos protestantes tradicionais e rejeitem algumas doutrinas centrais das grandes igrejas, num sentido real são os peculiares herdeiros americanos do adventismo, dos movimentos proféticos do evangelismo britânico e americano do século XIX, do metodismo, e do milenarismo proveniente tanto do anglicanismo do século XVII como do não-conformismo protestante inglês. De fato, existe muito pouco no seu sistema doutrinal que seja exterior à vasta tradição protestante anglo-americana, embora existam certos conceitos que elas têm mais em comum com o catolicismo do que com o protestantismo. Se elas são únicas em muitos aspectos - como indubitavelmente são - isso se deve simplesmente às combinações e permutações teológicas particulares das suas doutrinas, em vez de ser por causa da novidade. Também tem de ser sublinhado que o impulso tanto das suas ideias como das suas práticas tem sido desenvolvido principalmente, senão mesmo exclusivamente, nos Estados Unidos durante o fim do século XIX e no século XX. (PENTON 1997)

A revista A Sentinela de 01/09/1989 página 19 informa que as Testemunhas de Jeová acreditam que só os membros de sua religião têm esperança de sobreviver ao "fim do mundo".

3.1 NO QUE CREEM AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Sobre as crenças das Testemunhas de Jeová, REED (1990) declara que muitas das suas doutrinas as colocam à parte e as marcam como praticantes de um culto pseudocristão - particularmente seus ensinamentos sobre as seguintes questões:

Aniversários: Celebrar o dia do nascimento, de qualquer forma, é expressamente proibido. Até mesmo enviar um cartão de aniversário pode provocar uma ação

imediate contra o ofensor determinada por um "Comitê Judicial" oficial. A punição é a "desassociação". (REED 1990)

Transfusão de sangue: Na prática, do ponto de vista das testemunhas de Jeová, aceitar transfusão de sangue é um pecado mais sério do que o roubo ou o adultério. Ladrões e adúlteros são mais rapidamente perdoados pelos comitês judiciais da Torre de Vigia do que aqueles culpados de aceitar sangue. Uma testemunha de Jeová deve recusar sangue em toda e qualquer circunstância, mesmo quando esteja certa de que esta recusa resultará na morte. A organização também requer que os adultos recusem transfusões para seus filhos menores. (REED 1990)

Cruz: Segundo as testemunhas de Jeová, a cruz é um símbolo religioso pagão adotado pela igreja quando Satanás, o demônio, assumiu o controle da autoridade eclesiástica. A cruz não teve nada a ver com a morte de Jesus, já que as testemunhas de Jeová sustentam que ele foi pregado em um poste ereto e sem trave horizontal. As testemunhas de Jeová abominam a cruz e espera-se que os novos convertidos destruam quaisquer cruces que possam ter, ao invés de simplesmente se disporem delas. (REED 1990)

Céu: Apenas 144 mil indivíduos vão para o céu. Esse "pequeno rebanho" começou com os doze apóstolos, o número foi completado no ano de 1935. Aproximadamente nove mil anciãos das Testemunhas de Jeová são o remanescente na terra hoje, dos que irão para o céu. O restante das testemunhas de Jeová espera viver na terra para sempre. (REED 1990)

Inferno: Segundo a diretriz de seu fundador, Charles T. Russell, a Sociedade Torre de Vigia ainda ensina que o hades é meramente a sepultura, que o fogo do Geena desintegra instantaneamente suas vítimas, transformando-as em nada, e que não há existência consciente para os mortos até o tempo de sua ressurreição corpórea. (REED 1990)

Espírito Santo: O Espírito Santo não é nem Deus nem uma pessoa, segundo os ensinamentos da Torre de Vigia. É simplesmente uma "força atuante" impessoal que Deus usa para fazer a sua vontade. (REED 1990)

Jesus Cristo: Na teologia da Torre de Vigia, Jesus Cristo é um mero anjo - o primeiro criado por Deus, quando começou a criar os anjos. As testemunhas de Jeová identificam Cristo como Miguel, o arcanjo, embora elas chamem Jesus "o Filho do Homem" - "porque a primeira pessoa espiritual criada por Deus era para ele como um filho primogênito". Elas também o chamam de "o deus", e traduzem João 1:1 de acordo com essa ideia em suas Bíblias. (REED 1990)

A Organização: As testemunhas de Jeová acreditam que Deus estabeleceu a sociedade Torre de Vigia como seu canal de comunicação para reunir aqueles, dentre toda a humanidade, que serão salvos. Como agência visível do reino de Deus na terra, essa organização exerce plena autoridade governamental sobre seus seguidores - ela promulga leis, julga os violadores, dirige as escolas do reino e assim por diante - paralelamente ao governo secular. Se existir qualquer conflito entre a organização e o governo secular, é a organização que deve ser obedecida. (REED 1990)

Acreditam que, em 1919, Jesus Cristo – entronizado desde 1914 – rejeitou todas as outras religiões e escolheu as Testemunhas de Jeová (então “Estudantes da Bíblia”) como o “único canal” de comunicação entre Deus e os homens. (MACHADO FILHO 1963).

4. A LIBERDADE NAS CARTAS DE PAULO

No novo testamento, o termo liberdade ocorre 11 vezes e o termo livre 23 vezes, na sua maior parte nos escritos paulinos. Segundo BORTOLLETO FILHO (2008), o termo liberdade nunca foi empregado no Novo Testamento no sentido secular de liberdade política, mas é visto à luz da “gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rm 8:21), sempre vinculado a liberdade para a qual Cristo nos libertou. No Novo Testamento, há a ideia de que, pelo pecado, o ser humano esta privado da liberdade, no sentido de libertar-se a si mesmo e de ordenar a sua vida. Paulo, na primeira carta aos Coríntios (6.12 e 10:23), afirma que o ser humano, em Cristo, ganha uma outra liberdade: “todas as coisas me são lícitas”, porém faz uma ressalva: “mas nem todas convém”. Na carta aos Gálatas, Paulo mostra a relação dialética que faz entre liberdade e “escravidão” afirmando: Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis então da liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pelo amor. (5:13).

Em sua segunda carta aos coríntios o apóstolo Paulo escreveu:

“Mas, quando se converterem ao Senhor, então o véu se tirará. Ora, o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito

do Senhor, aí há liberdade”. (2 Coríntios 3:16-17)

Comentando essa bela passagem bíblica, KRUSE (1994) acredita que é preciso que nos lembremos de que o principal interesse de Paulo no capítulo 3 é salientar a glória superior da nova aliança do Espírito que ele contrasta com a glória inferior da antiga aliança da lei. Os judeus contemporâneos a Paulo relacionavam-se com Deus mediante a lei, mas os crentes relacionam-se com Deus mediante ao Espírito. O versículo 16 se refere a Deus, não a Cristo, pelo que as mesmas palavras do versículo 17 devem ser entendidas da mesma maneira. A ênfase de ambos os versículos, portanto, é que quando as pessoas se voltam para Deus, remove-se o véu de sobre suas mentes, e elas entendem que se acabou o tempo da antiga aliança da lei, iniciando-se a era da nova aliança do Espírito. Assim é que, quando sob a nova aliança, elas se voltam para o Senhor e conhecem-no como o Espírito. E onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade. Sob a antiga aliança existia escravidão, pois reinava a lei. Sob a nova aliança, em que o Espírito é a força operacional existe liberdade. Quando as pessoas vivem sob a antiga aliança, como alguns dos contemporâneos de Paulo, não há liberdade.

Escrevendo aos Romanos, Paulo disse:

“Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?
Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor.
Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado”. (Romanos 7:23-25)

CHAMPLIN (2001) menciona que o princípio básico da liberdade cristã é o fato que Cristo liberta ao crente, não somente a servidão ao pecado, mas também da carga da lei de Moisés, como uma lei moral, como uma diretriz para a vida. A união espiritual com Cristo faz toda a diferença, e é um agente libertador. O poder libertador de Cristo é universalmente libertador.

Em síntese, a liberdade cristã se caracteriza, em relação à liberdade filosófica, por uma nota de dramatismo existencial, e principalmente, por causa de sua estreita vinculação com Cristo. É ele que “fazendo-se obediente até a morte, e morte na cruz (Fl 2.8), encerra definitivamente o tempo da escravidão e abre o da obediência”. A suprema obediência de Cristo é a condição da suprema liberdade do cristão, chamado a ser livre na obediência completa ao Pai em Cristo. Toda a liberdade cristã é assim situada em Cristo. (Cl 1.11). Neste sentido, “a liberdade cristã é algo completamente novo e desconhecido antes de Cristo” e repetível depois dele, já que a liberdade no amor, e não simplesmente liberdade na filantropia, por estar enraizada no amor de Deus e não simplesmente no amor do homem. (FIORES e GOFFI 1993).

5. KANT E A LIBERDADE

A reflexão kantiana sobre a liberdade abre espaço para a necessidade de parâmetros objetivos na condução da ação ética. A visão de Kant, muito marcada por um verdadeiro rigorismo, pode não trazer nada aparentemente relacionado realmente à liberdade, uma vez que a definição no senso comum desta é fazer o que se quer, quando se quer, sem pensar em nenhum tipo de consequência. Porém, Kant nos coloca diante de uma visão muito mais dura da liberdade, mas sua opinião nos ajuda a dialogar com nosso mundo sem parâmetros e sem base alguma, que cada vez mais vê a ética e o respeito ao próximo dissolverem-se em nome do individualismo.¹

A liberdade é um conceito da razão prática e esta só é possível, só se pode tomar atitudes, porque a liberdade é uma realidade nos seres humanos. "Resulta daqui, pois, uma dialética da razão, porque, em relação à vontade, a liberdade que a esta se atribui parece estar em contradição com a necessidade natural. E nessa encruzilhada, a razão, do ponto de vista especulativo, encontra o caminho da necessidade natural mais plano e praticável do que o da liberdade; contudo, do ponto de vista prático, o caminho da liberdade é o único porque é possível fazer uso da razão em nossas ações e omissões; pelo que será

¹KANT, Immanuel. **A Fundamentação da metafísica dos costumes**, São Paulo, SP, Martin Claret, 2006.

impossível à mais sutil filosofia bem como à razão humana mais vulgar eliminar a liberdade com argumentos sofisticados. Deve-se, pois, supor que entre liberdade e necessidade natural dessas mesmas ações humanas não existe verdadeira contradição; pois não se pode suprimir nem o conceito de natureza nem o de liberdade", diz Kant em *A fundamentação da metafísica dos costumes*.¹

A partir da lei moral nos consideramos auto legisladores, para depois concluirmos, a partir da liberdade, que estamos submetidos à lei moral. O homem enquanto ser puramente racional considera-se livre, para daí concluir que, enquanto ser fenomenal, está submetido à lei moral. Um ser racional agiria sempre conforme a razão, mas o homem que pertence ao mundo sensível e ao mundo inteligível tem que considerar-se como submetido à lei prescritiva da razão. A razão contém a ideia de liberdade e esta contém a lei do mundo inteligível. Logo, todo ser racional tem que conhecer as leis do mundo inteligível como imperativos e as ações deles decorrentes como deveres. ²

A autonomia da vontade é a capacidade dela ser lei para si mesma. O princípio que norteia a autonomia da vontade é o de não escolher senão máximas que possam ser consideradas como leis universais. Portanto, esse princípio é um imperativo categórico. O conceito de autonomia é o princípio da moral. KANT (1974, p. 243) declara:

“A vontade é uma espécie de causalidade dos seres vivos, enquanto racionais, e liberdade seria a propriedade desta causalidade, pela qual ela pode ser eficiente, independente de causas estranhas que a determinem”.

Conceber o conceito de liberdade como causalidade na filosofia de Kant é importante porque não é possível o conceito de causalidade desprovido de lei. Esse conceito de liberdade que Kant propõe é negativa, mas é desse conceito que decorre o conceito positivo de liberdade.

¹ KANT, Immanuel. **A Fundamentação da metafísica dos costumes**, São Paulo, SP, Martin Claret, 2006.

² GOMES, Alexandre Travessoni, **O fundamento da validade do Direito Kant e Kelsen**, Belo Horizonte, MG, MANDAMENTOS, 2000.

KANT (1974, p. 243), afirma:

“... O conceito de uma causalidade traz consigo o de leis segundo as quais, por meio de uma coisa que chamamos causa, tem de ser colocada outra causa que se chama efeito, assim a liberdade, [...] não é desprovida de lei, mas têm de ser causalidade segundo leis imutáveis, [...], pois de outro modo uma vontade livre seria absurdo. Ou ainda- a vontade é em todas as ações uma lei para si mesma”.

Logo, isso caracteriza o princípio de não agir por máximas que não possam ser tomadas como leis universais. Isso é o imperativo categórico e o princípio da moralidade. Assim não é plausível atribuir a liberdade à vontade do homem, se não for possível de atribuí-la a todos os seres racionais. Pois, a moralidade serve de lei, somente para os seres racionais, então a liberdade tem de valer para todos os seres racionais. Pois a liberdade é demonstrada como propriedade dos seres racionais dotados de vontade.

KANT (1974, p. 244) ressalta:

“Todo ser que não pode agir senão sob a ideia da liberdade, é por si mesmo, em sentido prático, verdadeiramente livre, quer dizer para ele valem todas as leis que estão inseparavelmente ligadas a liberdade exatamente como se a sua vontade fosse definida como livre em si mesma. [...] a todo ser racional que têm uma vontade temos que atribuir-lhe necessariamente também a ideia de liberdade sob a qual ele unicamente pode agir”.

CONCLUSÃO.

As doutrinas aqui apresentadas têm como característica comum, exigir de seus fiéis uma submissão absoluta. O espírito que tem sido desenvolvido através da ênfase intensa e constante no assunto da organização é muito doentio e

desvia as atenções do Filho de Deus e do Espírito Santo de Deus, faz as pessoas concentrarem-se principalmente no elemento humano, para seu próprio prejuízo espiritual. A usurpação para um sistema humano de direitos e privilégios que corretamente só pertencem ao Filho de Deus é talvez de todos os erros cometidos, o mais sério.

No que se referente aos seus membros, àqueles que se acha completamente comprometido normalmente não tem problemas, mas há casos dos que não estão vinculados às denominações, os chamados “simpatizantes” que jamais procuraram a admissão nelas, ou que jamais a conseguiram.

A liberdade se define positivamente como capacidade de ser lei para si mesma, logo ela não pode agir por leis. Se essa agisse por leis empíricas, não seria lei para si mesma.

Adicionalmente, as doutrinas aqui elencadas se julgam com uma autoridade sagrada, com o fim de persuadir aos homens que abandonem o sistema religioso ortodoxo. Não raro há uma pessoa – ou várias pessoas – com uma autoridade que lhes permita dar a conhecer esta legitimação.

Ademais, privam o indivíduo de um senso verdadeiro de um relacionamento pessoal com Deus e Cristo, usurpam o exercício correto da consciência individual como consequência da imposição de infundáveis regras e regulamentos que têm uma origem inteiramente humana. Isto leva a uma situação como aquela descrita em Mateus 15:9, “Mas, em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens”. Com semelhanças preocupantes com a situação dos fariseus do primeiro século. Eles não podem fazer as necessárias mudanças fundamentais sem que isso implique o fim da organização que eles são. O cristianismo é, ou devia ser uma irmandade, não uma sociedade estruturada e sujeita a uma administração centralizada.

Finalmente, a vontade dos seres racionais tem que ser considerada livre em si mesma, pois não é possível que ela como autor dos seus princípios deixe-se influenciar por módulos estranhos, e a vontade desse ser racional só pode

ser vontade própria sob a ideia de liberdade. Portanto, a ideia de liberdade está ligada inseparavelmente ao conceito de livre escolha.

REFERÊNCIAS.

BORTOLLETO FILHO, Fernando. **Dicionário Brasileiro de Teologia** – 5. ed. São Paulo – SP, ASTE, 2008.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia** – 5. ed. São Paulo – SP, HAGNOS, 2001.

FIORES, Stefano de.; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade** – 2. ed. São Paulo – SP, PAULUS, 1993.

GOMES, Alexandre Travessoni. **O fundamento da validade do Direito Kant e Kelsen** - Belo Horizonte – MG - MANDAMENTOS, 2000.

GRELLMANN, Hélio L. **Nisto Cremos – 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia** – Tatuí – SP, CASA PUBLICADORA BRASILEIRA - 2003.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes** - São Paulo - SP. ABRIL CULTURAL, 1974.

KANT, Immanuel. **A Fundamentação da metafísica dos costumes**, São Paulo – SP - Martin Claret – 2006.

KRUSE, Colin G. **II Coríntios introdução e comentário** – 1. ed. São Paulo – SP, VIDA NOVA, 1994.

LESSA, Rubens S. **Revista Adventista** – Tatuí – SP, CASA PUBLICADORA BRASILEIRA - Fevereiro/2001.

LESSA, Rubens S. **Revista Adventista** – Tatuí – SP, CASA PUBLICADORA BRASILEIRA - Março/2001.

LESSA, Rubens S. **Revista Adventista** – Tatuí – SP, CASA PUBLICADORA BRASILEIRA - Junho/2001.

MACHADO FILHO, A. S. **Revista A Sentinela** - Tatuí – SP, TORRE DE VIGIA, Setembro/1989.

MACHADO FILHO, A. S. **Caiu Babilônia, a Grande!** - Tatuí – SP, TORRE DE VIGIA, 1963.

MARTINEZ, João Flávio. **A Igreja Adventista do Sétimo dia é uma Seita?** São José do Rio Preto - SP – dezembro 2013. Disponível em:

<http://www.cacp.org.br/prof-joao-flavio-martinez-cacp-refuta-em-debate-20-questoes-adventistas/>. Acessado em 07/01/2014.

NUNES, Erivelton Rodrigues. **Mormonismo a mais anticristã das seitas** – BDDIGITAL, 2014.

PENTON, M. James. **Apocalipse Adiado: A História das Testemunhas de Jeová** – 2. Ed. – Toronto - UNIVERSITY OF TORONTO PRESS, 1997.

REED, David A. **As Testemunhas de Jeová refutadas versículo por versículo** - tradução de Marcellus Virgilius Oliveira e Valéria Oliveira. - 2. ed. Rio de Janeiro – RJ, JUERP, 1990.

SLICK, Matt. **O Mormonismo é uma Religião Cristã?** – dezembro 2013.
<http://www.cacp.org.br/a-iasd-e-uma-seita>. Acessado em 08/12/2013.

SHIPP, Glover. **Análise de Doutrinas** - Belo Horizonte – MG, BETÂNIA, 1985.

<http://www.mormon.org/por/restauracao>, **Uma das maneiras pelas qual Deus fala conosco é respondendo a nossas orações**. Acessado em 18/05/2014.

<http://www.mormon.org/por/restauracao>, **Quem somos?** Acessado em 18/05/2014.